

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 31/07/2018.

CAMILA SOARES LÓPEZ

O SIMBOLISMO NO *MERCURE DE FRANCE* (1890-1898)

**ASSIS
2017**

CAMILA SOARES LÓPEZ

O SIMBOLISMO NO *MERCURE DE FRANCE* (1890-1898)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutora em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Dr. Alvaro Santos Simões Junior

Bolsista: FAPESP (Processo nº: 2013/13489-8)

ASSIS
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

L864s López, Camila Soares
O Simbolismo no *Mercure de France* (1890-1898) / Camila
Soares López. - Assis, 2017
358 f. : il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.
Orientador: Álvaro Santos Simões Junior

1. Simbolismo. 2. Decadentismo. 3. Crítica literária.
4. Sociabilidade. I. Título.

CDD 801

CAMILA SOARES LÓPEZ

O SIMBOLISMO NO "MERCURE DE FRANCE" (1890-1898)

Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para
obtenção do título de Doutora em
LETRAS. (Área de Conhecimento:
LITERATURA E VIDA SOCIAL)

Data da Aprovação: 31/01/2017

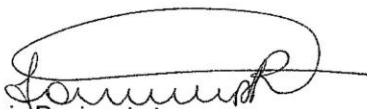
COMISSÃO EXAMINADORA



PRESIDENTE: PROF. DR. Álvaro Santos Simões Junior - UNESP/ASSIS



MEMBROS: PROFA. DRA. Norma Domingos - UNESP/ASSIS



PROFA. DRA. Tânia Regina de Luca - UNESP/ASSIS



PROFA. DRA. Guacira Marcondes Machado Leite - UNESP/ARARAQUARA



PROFA. DRA. Viviane Araújo Alves da Costa Pereira - UFPR/CURITIBA

À Tereza Maria, por ter sido minha
melhor inspiração.
Ao Wellington, por me incentivar a voar
sempre mais alto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento desta pesquisa, no Brasil e no exterior (por meio da Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior – BEPE). O respaldo financeiro da instituição foi fundamental para a minha formação.

Ao meu orientador, Dr. Alvaro Santos Simões Junior, por quem tenho imenso apreço e que sempre esteve presente, mostrando-se empenhado em me auxiliar desde o início de minha vida acadêmica, em 2005.

À Dra. Norma Domingos e à Dra. Tania Regina de Luca, membras da Banca de Qualificação, pelas generosas sugestões e críticas. Não posso deixar de ressaltar que a Dra. Norma Domingos me recebeu gentilmente em sua casa e revisou as traduções que compõem a antologia desta tese.

À Dra. Marie-Ève Thérénty, que tão bem me acolheu em seu centro de pesquisas, o RIRRA 21, e colaborou para o desenvolvimento desta tese.

Aos funcionários e funcionárias da Biblioteca, do Centro de Documentação de Apoio à Pesquisa (CEDAP) e da Seção de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, pela atenção e solicitude. Agradeço, em especial, à secretária do Departamento de Literatura, Roseli, que sempre esteve disposta a me auxiliar, e às secretárias do Departamento de Letras Modernas, Juliana e Catarina.

Às professoras da área de Francês da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Dra. Daniela Callipo, Dra. Brigitte Hervot e Dra. Carla Cavalcanti – pela confiança e inspiração.

Ao meu marido Wellington Amarante Oliveira, que foi parceiro desta jornada, o meu apoio nas horas mais difíceis, o entusiasta das minhas conquistas e, também, o meu leitor mais assíduo.

Aos meus pais, irmãos e familiares que, mesmo distantes, sempre valorizaram os meus esforços e me encorajaram a prosseguir.

Aos meus felinos, companheiro sinceros e silenciosos de tantas horas.

Aos meus amigos e amigas pelo incentivo, momentos agradáveis e palavras de apoio.

Por fim, agradeço à minha mãe de coração, Tereza Maria da Silva, que nos deixou em 2016, mas cuja força estará sempre presente em minha vida. A ela dedico este trabalho.

(...) dos três objetivos os quais se pode propor um periódico literário – ou ganhar dinheiro, ou agrupar autores em comunhão estética, formando uma escola e visando ao proselitismo, ou, enfim, publicar obras puramente artísticas e concepções relativamente heterodoxas que não são acolhidas pelas folhas que contam com a clientela – é este último que escolhemos (...).

*Alfred Vallette in Mercure de France
(1890)*

LÓPEZ, Camila Soares. **O Simbolismo no *Mercure de France* (1890-1898).** 2017. 358f. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

RESUMO

Na França do século XIX, o periodismo alcançou o seu auge. A época é reconhecida por alguns estudiosos, a exemplo de Dominique Kalifa e Marie-Ève Thérenty, como aquela da “civilização do jornal”, pois se notabilizou pelo surgimento de folhas populares, vendidas a preços módicos, e pelo considerável aumento do público leitor, assim como pela vulgarização do folhetim, espaço cedido à contribuição literária. Em sua maioria, seus colaboradores eram também homens de Letras que buscavam meios de subsistência ao se dividirem entre as colunas desses jornais e seus romances, poemas e peças de teatro. Subordinados não apenas a esse suporte, mas, também, aos editores da época, jovens escritores da década de 1880, embalados pelo sentimento de decadência do Positivismo e das ciências, ousaram romper com tal relação de dependência, criando revistas que rivalizavam com a produção da *grande presse*. Nasceram, assim, as *petites revues*. Nas *petites revues*, os *jeunes*, oriundos de agrupamentos decadentistas e simbolistas, podiam se dedicar àquilo que julgavam ser a “arte pura”. Nesses periódicos, difundiam seus versos, excertos de romances, contos e, ainda, assinavam a crítica literária. Em 1890, veio à luz a *série moderne* do *Mercure de France*. Essa revista, dirigida por Alfred Vallette, foi divulgadora dessa crítica, publicando, entre 1890 e 1898, diversos escritos que lançavam um olhar atento sobre a produção literária de seu tempo. Além disso, mostrou-se parte integrante de um processo de desenvolvimento do próprio gênero na França, cujas práticas flertaram com o Romantismo, o Naturalismo e, por fim, com o Simbolismo. Objetivamos apontar a contribuição dada pelo *Mercure de France* à difusão do Simbolismo e do *novo* nas artes e na literatura, ao apresentarmos a tese de que a revista foi, de fato, uma publicação simbolista, na medida em que sustentou essa estética e irradiou doutrinas fundamentais que aspiravam à renovação do pensamento e da literatura por meio de sua crítica literária. Para tanto, no primeiro capítulo, dedicamo-nos a descrever e analisar o periódico em questão, elucidando sua classificação como *petite revue* e sua consolidação no campo editorial, bem como seu cosmopolitismo, que foi característico do fim do século e fez com que escritores e jornalistas franceses fossem reconhecidos no Brasil e literatos brasileiros acessem ao cenário literário francês, em evidente processo de transferências culturais. No segundo capítulo, debruçamo-nos sobre a ascensão e desenvolvimento do Simbolismo na França, esclarecemos de que maneira o *Mercure* posicionou-se em relação ao movimento e seus representantes e detalhamos aspectos das sociabilidades que pautavam as relações dos escritores e artistas da época, o que pôde ser entrevisto nas resenhas e resumos de livros publicados, assim como em outros periódicos, livros de memórias e correspondências, com os quais é possível apontar os Mestres e as referências culturais dos chamados *novos*. No terceiro capítulo, atentamo-nos à crítica *per se*, definindo seus fundamentos e orientações. Finalmente, traduzimos parcialmente e, em alguns momentos, integralmente, esses escritos críticos, compondo, assim, uma antologia, que traz à baila as doutrinas da renovação e os nomes daqueles que compuseram o campo da vanguarda literária, entre outros aspectos.

Palavras-chave: Simbolismo; Decadentismo; Periódicos; Crítica Literária; *Mercure de France*; Sociabilidades.

LÓPEZ, Camila Soares. **Symbolism in *Mercure de France* (1890-1898)**. 2017. 358 pages. Thesis (PhD in Language and Literature). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

ABSTRACT

In 19th century in France, journalism achieved its height. Many scholars, such as Dominique Kalifa and Marie-Ève Thérenty, recognize the period as that of the “newspaper civilization”, when popular press appeared and it was sold in low prices, and the increase of the readership occurred, as well as the vulgarization of the *feuilleton*, a space accorded to the literary contribution. Most of its collaborators were also Men of Letters who tried to acquire their means of subsistence by dividing their time between the news columns and their novels, poems and plays. Subordinated not only to that support, but also to the editors from the period, young writers from the 1880’s, encouraged by the feeling of decadence of Positivism and sciences, attempted to challenge the relation of dependence, creating magazines that rivalled with the production of *grande presse*. In this manner, the *petites revues* were born. In the *petites revues*, the *jeunes*, derived from the decadent and symbolist groups, could dedicate themselves to what they considered the “pure art”. In it, they published their verses, short stories and literary criticism. In 1890, appeared the *série moderne* of the *Mercure de France*. The magazine, which was directed by Alfred Vallette, was a disseminator of this criticism, publishing, between 1890 and 1898, many writings that were interested to the literary production from the period. Besides, it showed up as component of a development process of the genre in France, of which practices flirted with Romanticism, Naturalism and, at last, Symbolism. We aim to point the contribution given by *Mercure de France* to the diffusion of Symbolism and the *new* in arts and literature, presenting the thesis that the magazine was, in fact, a Symbolist publication, as it held this aesthetic and irradiated fundamental doctrines that aspired to the renewal of thought and literature through its literary criticism. Therefore, in the first chapter, we dedicate ourselves to describe and analyze the periodical in question, elucidating its classification as a *petite revue* and its consolidation in the publishing field, as well as its cosmopolitanism, which was typical of the end of the century and made that French writers and journalists were recognized in Brazil and Brazilian literates acceded to the French literary scene, in an evident process of cultural transfers. In the second chapter, we observe the ascension and development of Symbolism in France, clarify the manner how *Mercure* stood in relation to the movement and its representatives and detail aspects of the sociability that ruled the relations between artists and writers at that time, that could be seen in the reviews and book summaries, as well as in other periodicals, memoirs and correspondences, wherewith it’s possible to point the Masters and the cultural references of the *nouveaux*. In the third chapter, we take into consideration the criticism *per se*, defining its basis and directions. Finally, we translate, these writings, some in parts, some integrally, composing, thus, an anthology that debates the doctrines of renewal and the names of those who compounded the avant-garde literary field, among other aspects.

Keywords: Symbolism; Decadentism; Periodicals; Literary Criticism; *Mercure de France*; Sociability.

LÓPEZ, Camila Soares. **Le Symbolisme dans le *Mercure de France* (1890-1898)**. 2017. 358f. Thèse (Doctorat en Lettres). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2017.

RÉSUMÉ

Au XIX^e siècle en France, le périodisme a atteint son apogée. L'époque est reconnue par quelques chercheurs, comme Dominique Kalifa et Marie-Ève Thérenty, comme celle de la « civilisation du journal », car elle est devenue notable grâce au surgissement des feuilles populaires, vendues à bas prix et à la considérable croissance du public lecteur, ainsi que par la vulgarisation du feuilleton, espace cédé à la contribution littéraire. Dans sa majorité, leurs collaborateurs étaient aussi des hommes de lettres qui cherchaient des moyens de subsistance en se partageant entre les colonnes de ces journaux et leurs romans, poèmes et pièces de théâtre. Subordonnés pas seulement à ce support, mais aussi aux libraires de l'époque, les jeunes écrivains de la décennie 1880, bercés par le sentiment de décadence du Positivisme et des sciences, ont osé rompre avec tel rapport de dépendance, en créant des revues qui ont rivalisé avec la production de la *grande presse*. Alors, les *petites revues* sont nées. Dans les *petites revues*, les *jeunes*, originaires des groupements décadentistes et symbolistes, ont pu se consacrer à ce qu'ils jugeaient être « l'art pur ». Dans ces périodiques, ils diffusaient leurs vers, des extraits de romans, des contes et ils signaient les textes de critique littéraire. En 1890, la *série moderne* du *Mercure de France* a vu le jour. Cette revue, dirigée par Alfred Vallette, a été propagandiste de cette critique-là, en publiant entre 1890 et 1898 plusieurs écrits qui portaient un regard attentif à la production littéraire de son temps. D'ailleurs, le *Mercure* s'est montré une partie intégrante d'un processus de développement de ce genre en France, dont les pratiques se sont approchées du Romantisme, du Naturalisme et, enfin, du Symbolisme. Notre but est celui de montrer la contribution donnée par le *Mercure de France* à la diffusion du Symbolisme et du *nouveau* dans les arts et littérature, en présentant la thèse qui prouve que la revue a été, en effet, une publication symboliste, dans la mesure où elle a soutenu cette esthétique et a fait rayonner des doctrines fondamentales qui aspiraient au renouveau de la pensée et de la littérature à travers sa critique littéraire. Pour cela, dans le premier chapitre, nous nous consacrons à décrire et à analyser le périodique concerné, en élucidant sa classification comme *petite revue* et sa consolidation dans le champ éditorial, ainsi que son cosmopolitisme, ce qui a été une caractéristique de la fin du siècle et a fait connaître les écrivains et journalistes français au Brésil, et ceux qui ont atteint la scène littéraire française, dans un processus évident de transferts culturels. Dans le deuxième chapitre, nous nous sommes penchés sur l'ascension et le développement du Symbolisme en France, et nous clarifions la manière dont le *Mercure* s'est positionné par rapport au mouvement et ses représentants. Nous expliquons en détail des aspects des sociabilités qui guidaient les rapports entre les écrivains et les artistes de l'époque, ce qui a pu être vu dans les comptes-rendus et les résumés des livres publiés, ainsi que dans d'autres périodiques, livres de mémoires et correspondances, à travers lesquelles il est possible d'indiquer les Maîtres et les références culturelles des *nouveaux*. Dans le troisième chapitre, nous faisons attention à la critique *per se*, en définissant ses fondements et ses orientations. Enfin, nous traduisons partiellement et, dans quelques moments, intégralement, ces écrits de critique. Ainsi, nous avons composé une anthologie qui apporte les doctrines de renouveau et les noms de ceux qui ont participé au champ de l'avant-garde littéraire, parmi d'autres aspects.

Mots-clés: Symbolisme; Décadentisme; Périodiques; Critique Littéraire; *Mercure de France*; Sociabilités.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Vinheta que ilustra o índice do Tomo 1 (1890).....	37
Ilustração 2 – Vinheta que acompanha um soneto de Albert Samain (1890).....	37
Ilustração 3 – Ilustração que acompanha um escrito de Léo Bloy, (1894).....	37
Ilustração 4 – Ilustração que acompanha texto de Saint-Pol-Roux (1894).....	37
Ilustração 5 – Desenho inédito de Charles Doudelet.....	38
Ilustração 6 – Desenho inédito de Van Gogh.....	39
Ilustração 7 – Francis Jammes.....	214
Ilustração 8 – Paul Fort.....	214
Ilustração 9 – Hugues Rebell.....	214
Ilustração 10 – Félix Fénéon.....	214
Ilustração 11 – Léon Bloy.....	214
Ilustração 12 – Jean Lorrain.....	214
Ilustração 13 – Édouard Dujardin.....	215
Ilustração 14 – Maurice Barrès.....	215
Ilustração 15 – Camille Mauclair.....	215
Ilustração 16 – Victor Charbonnel.....	215
Ilustração 17 – Alfred Vallette.....	216
Ilustração 18 – Max Elskamp.....	216
Ilustração 19 – Henri Mazel.....	216
Ilustração 20 – Marcel Schwob.....	216
Ilustração 21 – <i>Tête d’or</i>	216

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Seções do <i>Mercure de France</i>	32
Tabela 2 – Organização dos textos do <i>Mercure de France</i> (janeiro 1890).....	32
Tabela 3 – Rubricas do <i>Mercure de France</i> (1891-1896).....	32
Tabela 4 – Número de páginas do <i>Mercure de France</i> (1890-1898).....	33
Tabela 5 – Redatores do <i>Mercure de France</i> a partir de 1893.....	34
Tabela 6 – Valores do <i>Mercure de France</i> (1891 a 1893).....	35
Tabela 7 – Rubricas da “Revue du Mois” em abril de 1896.....	41
Tabela 8 – Rubricas da “Revue du Mois” em janeiro de 1897.....	41-2
Tabela 9 – Rubricas da “Revue du Mois” em janeiro de 1898.....	42-3
Tabela 10 – Valores do <i>Mercure de France</i> (1896 a 1898).....	45
Tabela 11 – Livros da editora do <i>Mercure de France</i> no Brasil.....	93-4
Tabela 12 – <i>Petites revues</i> citadas pelo <i>Mercure de France</i> em 1890 e 1898.....	141-3
Tabela 13 – Biografia e atuação dos críticos mais assíduos no <i>Mercure de France</i>	173
Tabela 14 – “ <i>Nouveaux Masques</i> ”.....	213

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO 1 – <i>Mercure de France</i>: trajetória e cosmopolitismo.....	24
1.1. <i>Mercure de France</i> : caminhos e ascensão.....	24
1.2. A editora do <i>Mercure de France</i>	45
1.3. As <i>petites revues</i> simbolistas.....	53
1.4. O Brasil no <i>Mercure de France</i> . O <i>Mercure de France</i> no Brasil.....	75
CAPÍTULO 2 – Simbolismo e sociabilidades no <i>Mercure de France</i>.....	96
2.1. O Simbolismo na França: colunas de jornais e páginas de revistas.....	97
2.2. O Simbolismo no <i>Mercure de France</i> (1890-1898).....	114
2.3. Redatores e redações: literatura e sociabilidades no <i>Mercure de France</i>	136
2.4. Crítica e sociabilidade: “Les Livres”, “Les Poèmes” e “Les Romans”.....	145
CAPÍTULO 3 – Crítica, forma e movimentos literários no <i>Mercure de France</i>.....	167
3.1. A crítica na França e no <i>Mercure de France</i> : percursos e particularidades.....	168
3.2. Renovação: forma e conteúdo.....	175
3.3. Eleição de um mestre: Mallarmé e outros.....	192
3.4. Os <i>portraits</i> e a moda das <i>enquêtes</i>	210
3.5. O Naturalismo e os desdobramentos do Simbolismo.....	225
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	238
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	242
ANEXOS	
ANEXO 1 – Indexação geral em ordem cronológica.....	251
ANEXO 2 – Antologia.....	281
“A literatura Maldoror”, Remy de Gourmont.....	282
“A espécie irritável – A trégua”, Saint-Pol-Roux.....	288
“Página encontrada: O ‘ <i>Erechtheus</i> ’ de Swinburne”, Stéphane Mallarmé.....	292
“O verso livre”, Adolphe Retté.....	295
“A escola romana francesa”, Ernest Raynaud.....	302

“A única questão”, Robert de Souza.....	313
“Émile Zola”, Pierre Quillard.....	319
“André Gide”, Henri Ghéon.....	325
“Durtal”, Paul Valéry.....	347
“O movimento poético”, Francis Vielé-Griffin.....	355

INTRODUÇÃO

No século XIX, a França revelou estéticas, autores e obras de grande significação para a literatura. Do Romantismo ao Realismo e Naturalismo, das discussões sobre a correção da forma poética, – própria dos parnasianos, – ao símbolo, o país alcançou, também, a condição de irradiador de cultura, quando o trânsito de informação encontrou meios para se efetivar, sobretudo graças aos avanços técnicos que marcaram o período. A produção literária francesa do *fin-de-siècle* não apenas disseminou tendências que foram relevantes para essa época, mas serviu de alicerce para movimentos que surgiram nos anos subsequentes e se estabeleceram como vanguardas no século XX. Percorrer a história dessas manifestações permite-nos refletir sobre as condições de escrita e circulação de textos, em um momento em que a expressão literária foi ferramenta de modificação de um cenário então solidificado.

Essas mudanças, que se referem, principalmente, às relações entre escritores, periódicos e livreiros, e mesmo entre homens de Letras que proclamavam perspectivas distintas da literatura e das artes, ocorreram em meio à contestação de um campo literário marcado pela subordinação do escritor e do artista à grande imprensa e aos grandes editores e, conseqüentemente, por propostas que corroboravam essa relação – isto é, de matéria literária que fosse de agrado dos detentores do poder, que podiam financiar aqueles que conquistavam sua estima e proteção. Quando da ausência de iniciativas que apregoassem a ruptura e a renovação na literatura e nas artes, surgiu o Simbolismo. A partir da década de 1880, simbolistas questionaram a forma e os temas da poesia e do romance, particularizando esse período como aquele de efervescência e, também, de consolidação de ideais, de surgimento de diferentes propostas e, sobretudo, de superação daquilo que se entevia como passado literário e artístico. Marginalizados pelos editores, seus agentes encontraram na imprensa a via de divulgação de suas ideias. Não se tratava, porém, das grandes folhas que compunham a *grande presse*, a exemplo de *Le Temps* e da *Revue des Deux Mondes*, respectivamente jornal e revista franceses de tiragem e circulação significativas, os quais cediam espaço aos folhetins e outros textos. Para a propagação e para a sustentação de seus conceitos, e em contraponto a essa imprensa de sucesso, os simbolistas deram vida às chamadas *petites revues*.

Estabelecidas essas publicações, era necessário nomeá-las e avivá-las. Assim, em 1890, nasceu a *série moderne* do *Mercur de France*. O título, recuperado de uma folha semioficial do período absolutista, foi empregado para denominar uma revista na qual fervilhava o desejo de se estipularem outros paradigmas à literatura e ao fazer artístico. Nos

anos de 1890, Alfred Vallette, também escritor, foi o responsável por orquestrar as atividades do *Mercure*, que se manteve em constante ascensão ao longo dessa década, seja por conta de suas colaborações, seja por suas investidas editoriais, que rivalizavam com aquelas dos grandes editores.

Nesta pesquisa, afirmamos a tese de que o *Mercure de France* foi uma revista simbolista. Certamente, esta premissa parece-nos evidente, pois se encontra em diversos estudos que concernem ao Simbolismo e aos periódicos franceses. Entretanto, a singularidade de nossos resultados consiste no fato de termos, justamente, considerado essa filiação a partir dos textos críticos divulgados pela revista, absorvendo os indicativos que essas linhas puderam nos oferecer, por meio de sua leitura e análise. Para tanto, estabelecemos um recorte cronológico, que abarcou escritos publicados de 1890 a 1898. Ao nos dedicarmos a essa tarefa, chegamos à concepção daquilo que seria o *novo*, ao qual tantas vezes fazemos recorrência ao longo de nossas linhas; esse epíteto nos foi fundamental para que pudéssemos identificar as características do sentimento comum aos jovens literatos da época que, amparados por seus respectivos agrupamentos, propunham a edificação do Simbolismo não apenas enquanto escola, mas também como via para a consolidação de diferentes aspirações na escrita, em oposição ao que julgavam “tradicional”. Assim, mais do que um movimento, o Simbolismo apareceu aos nossos olhos como sorte de sentimento de época, que se pautou por fundamentos estéticos diversos e, ainda, por configurações da sociedade e do periodismo de seu tempo. Trata-se, assim, de uma perspectiva que se baseia no estudo de fontes primárias, revelando o olhar dos periódicos às propostas então nascentes.

A necessidade de melhor compreender o Simbolismo na França surgiu, sobretudo, a partir da realização de nossa pesquisa de Mestrado, que deu origem à dissertação intitulada “A poesia lírica na *Gazeta de Notícias*: indexação e antologia (1890-1900)”.¹ Ao nos depararmos com a recepção pouco amistosa do Simbolismo no cenário literário brasileiro por um jornal que alcançou expressão entre os leitores da capital do Brasil e se caracterizou pelo espaço que concedeu à literatura, julgamos necessário avaliar as suas particularidades em seu país de origem e se, de fato, suas bases conceituais haviam circulado entre os nossos literatos, quando, nesses dois continentes, o sul-americano e europeu, os jornais foram os grandes difusores da matéria literária e estiveram em franca expansão. O *Mercure de France* aparece na *Gazeta*, assim como os escritores brasileiros da última década do XIX aparecem na revista. A *Gazeta*

¹ Dissertação de Mestrado defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), sob a orientação do Dr. Alvaro Santos Simões Junior. Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

de Notícias foi um jornal que se destacou pela notoriedade de seus colaboradores, como Machado de Assis e Olavo Bilac, e que fechou suas portas àqueles que se identificavam com as novidades simbolistas francesas, inclusive satirizando-os, como o fez com Cruz e Sousa nos anos de 1890. Assim, pareceu-nos imprescindível melhor compreender os contornos do Simbolismo na França a fim de ampliar aquilo que se sabe, em nossa história literária, sobre esse movimento.

Desta constatação advém, igualmente, a escolha de nosso recorte temporal, ainda em uma perspectiva comparativa: esse período, tanto no Brasil como na França, foi marcado por diferenças e, simultaneamente, por discussões estéticas semelhantes, cabendo-nos, portanto, a tarefa de contrastar o modo como elas ocorreram nos dois lugares. Em 1890, o início da revista correspondeu ao advento, no Brasil, das primeiras manifestações simbolistas na poesia. E o ano de 1898 foi marcado pela perda de dois grandes poetas, – Stéphane Mallarmé e Cruz e Sousa, – que são considerados representantes do Simbolismo. Com o falecimento de ambos, deu-se o fechamento de um ciclo dessa estética.

Tal demanda, além de nos revelar respostas para as inquietações preliminares, trouxe-nos o reconhecimento de um cenário próprio ao periodismo francês, seus participantes e as características dos textos por eles assinados. Se a escolha do *Mercure de France* se deu, a princípio, pelo fato de aparecer como reduto dos *jeunes* em diversas obras da história literária, ela se mostrou relevante, ao longo da pesquisa, na medida em que nos fez refletir de que modo sua atuação entre os jornais e revistas de seu país foi fundamental para a difusão de uma literatura *nova* e de uma crítica literária que foi testemunha desse processo, além de sustentáculo das opiniões de um determinado grupo. Dessa forma, durante nossas investigações, a fonte escolhida nos expôs o que significou o epíteto “simbolista” na literatura francesa, classificação que, para além de uma proposta estética isolada, mostrou-se identificadora de um processo de evolução da literatura e abriu caminhos para propostas que se consolidaram posteriormente. Ademais, consideramos as premissas de que textos literários inexistem fora de suas materialidades e de que os periódicos “sempre remetem aos dilemas de seu tempo”.² Logo, conjecturar sobre o formato, a circulação, os leitores e a representatividade das *petites revues* no fim de século francês nos possibilitou compreender a irradiação do Simbolismo e, ainda, o modo por que ele se sustentou naqueles anos, as formas as quais adquiriu, suas derivações, seu desejo de inserção na posteridade e as qualidades de sua linguagem.

² DE LUCA, Tania Regina. *A Ilustração (1884-1892): algumas questões teórico-metodológicas*. In: ABREU, Márcia. DEAECTO, Marisa Midori (Orgs). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. p. 169.

Assim, compreendemos quais foram as “novas concorrências” no meio editorial da *Belle Époque*, o que nos possibilitou o entendimento das condições da edição de livros no período e a atuação de determinadas figuras: Grasset, Gallimard, Lemerre, Vanier e, também, Alfred Vallette, que foi reconhecido por estabelecer novos parâmetros à prática de publicação de livros dos *jeunes* sem, contudo, desfazer-se dos métodos das *maisons d’éditions* às quais se opunha – tema sobre os quais Jean-Yves Mollier, pesquisador e professor francês, se interessou e discorreu, em obras como *L’argent et les lettres: Histoire du capitalisme d’édition (1886-1920)*.³ Entender as estratégias editoriais do *Mercure de France* fez com que distinguíssemos quais eram, ainda, as suas escolhas e partidos na literatura. Além disso, ao atentarmos-nos, de forma panorâmica, ao desenvolvimento da imprensa na França do século XIX, foi possível entrever as características das atividades dos jornais e das revistas do final do século XIX, em uma perspectiva geral, o que nos permitiu melhor investigar e analisar as *petites revues* e sua contraposição à *grande presse*. Consideramos não apenas os nomes daqueles que compunham as rodas decadentistas e simbolistas, mas, também, o processo de mediatização desses escritores e, conseqüentemente, de sua matéria escrita; assim, pudemos ponderar sobre a forma como esse processo se deu entre os colaboradores do *Mercure de France*. Buscamos, a partir de estudos já realizados na França, a exemplo daqueles que foram empreendidos por Yoan VÉRILHAC, autor de *La jeune critique des petites revues symbolistes*,⁴ sistematizar o que caracterizou a formação de um “sistema simbolista” e sua relação com o *Mercure*, recolhendo subsídios para melhor discorrer sobre esse movimento, tendo em vista a crítica literária produzida por seus entusiastas. Consideramos todas as “fases” simbolistas, as datas e os participantes, seus defensores e seus predecessores, identificando as características dessa estética na França, do surgimento ao seu período de enfraquecimento. Ao avaliarmos de que maneira o Simbolismo manifestou-se no *Mercure de France* e como foi defendido por seus colaboradores, tornou-se necessário apreender a trajetória e as particularidades do movimento, as dissidências e o surgimento de novas propostas, bem como a existência de embates entre os defensores de diferentes estéticas. Interessa-nos, também, detalhar as condições sociais e literárias que condicionaram essa disputa e avaliar de que maneira a crítica dessa *petite revue* foi, além de matéria literária, reflexo dessas tensões.

³ MOLLIER, Jean-Yves. *L’argent et les lettres: Histoire du capitalisme d’édition (1886-1920)*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1988.

⁴ VÉRILHAC, Yoan. *La jeune critique des petites revues symbolistes*. Saint-Étienne: Publications de l’Université de Saint-Étienne, 2010.

As condições de assimilação do Simbolismo no campo literário francês foram apreendidas a partir daquilo que foi defendido por Pierre Bourdieu em *Les règles de l'art*,⁵ obra que identifica o movimento simbolista como forma literária e artística correspondente à contestação de instituições e da grande imprensa, partindo das origens dessa ruptura, da explanação das estruturas e hierarquias que constituíam esse campo e da conquista da autonomia de escritores e artistas, o que nos faz remontar, ainda, à querela entre os *novos* e o Naturalismo – então em “crise”, o que é discutido por Christophe Charle,⁶ – disputa que perpassou a última década do século XIX e sobre a qual se fundamentou grande parte dos textos críticos divulgados pelo *Mercure de France*, ilustrando-nos de que maneira essa rivalidade interferiu na avaliação de livros pelos simbolistas e seus pares. Para determinarmos quais particularidades marcaram as relações de sociabilidade desses agentes, o que também se refletiu na atividade crítica, perspectiva que se faz presente em diversas passagens desta tese, recorreremos, mais uma vez, ao nome de Bourdieu, quando o mesmo trouxe à baila as determinações do campo literário⁷ e, igualmente, a noção de poder simbólico.⁸ O estudo do *corpus* obtido resultou na sistematização de dados referentes ao número de textos publicados, às suas características formais e, por fim, à representatividade dos colaboradores que se dedicavam à avaliação dos livros que chegavam à redação do *Mercure de France* e que discorriam sobre os movimentos que floresceram na época, inseridos em um espaço de sociabilidades.

Cosmopolita, o *Mercure de France* abrigou em suas páginas escritos de autores estrangeiros. A revista, como já se mencionou, também circulou no Brasil e aportou no país via indivíduos que se relacionavam com os *novos* franceses e, também, os portugueses. Assim, fez-se necessário considerar a perspectiva das transferências culturais e, também, da literatura comparada. Entendemos como “transferência cultural” o intercâmbio entre culturas, o que, no século XIX, foi impulsionado por “progressos tecnológicos, a expansão do comércio internacional e pelos fluxos migratórios”,⁹ amalgamados pela imprensa coetânea. Em uma dinâmica de globalização, de confluência de informações e cultura ocorriam contatos, cruzamentos e “mistura de paisagens”, como aponta Serge Gruzinski: “O que significa unir os

⁵ BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art*. Genèse et structure du champ littéraire. Nouvelle Édition revue et corrigée. Paris: Éditions du Seuil, 1898.

⁶ CHARLE, Christophe. *La crise littéraire à l'époque du naturalisme* (Roman – Théâtre – Politique). Essai d'histoire sociale des groupes et des genres littéraires. Paris : Presses de l'École Normale Supérieure, 1979.

⁷ BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, septembre 1991. Le champ littéraire.

⁸ Idem. *O poder simbólico*. Lisboa, Edições 70, 2011

⁹ GRANJA, Lúcia. Garnier no Brasil: esta história de faz com homens e livros, *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. p. 43.

mundos entre si? Primeiramente, é fazê-los comunicar, por mais anacrônico que possa parecer hoje esse termo”.¹⁰ E a imprensa, de acordo com Diana Cooper-Richet, não era “somente um laboratório filológico e um suporte de difusão da língua nacional”, mas, também, “um instrumento fundamental na criação de uma consciência nacional”. Por meio dos *passeurs de culture*, facilitadores do acesso de bens culturais, a imprensa estrangeira ganhou terreno no Brasil.¹¹

Entre outros estudos, baseamo-nos, igualmente, em *L’imaginaire national: réflexions sur l’origine et l’essor du nationalisme*, de Benedict Anderson,¹² para melhor refletirmos sobre as origens daquilo que o autor denomina “origem do pensamento nacional” e os fatores que colaboraram para a propagação da língua francesa e, conseqüentemente, de sua produção literária em diferentes países. De *La République mondiale des Lettres*, de Pascale Casanova,¹³ assimilamos a noção de espaço literário internacional e as conseqüências da difusão do conceito de “nação”. Em *Presse, nations et mondialisation au XIX^e siècle*, organizado por Alain Vaillant e Marie-Ève Thérénty,¹⁴ deparamo-nos com reflexões de pesquisadores sobre a presença francesa na literatura e nas artes de diversas localidades e sobre como a imprensa cooperou para a circulação de textos franceses.

Os números do *Mercure de France* foram lidos integralmente. Essa leitura completa se deu pelo fato de que buscamos ponderar sobre o modo como a crítica literária dialogou com as propostas, os autores e outros textos que aparecem na revista e de que maneira, em uma perspectiva totalizante, o *Mercure* deu vez a publicações, bem como a notícias, informes e cartas, entre outros tipos de texto, que nos permitiram identificá-lo como simbolista. Nossa pesquisa foi guiada pela noção de “*poétique du support*”: ao elegermos o *Mercure de France* como objeto de nossa investigação, levamos em conta que seus colaboradores, assim como os escritores do XIX, não conceberam suas obras sem considerar os meios pelas quais foram divulgadas. Segundo Marie-Ève Thérénty, a partir do momento em que o escritor pretende ser publicado, “seu imaginário é orientado pela forma material que vê para sua obra e pelo imperativo editorial”. À medida que o escritor se integra em um modo de comunicação

¹⁰ GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014. p. 235.

¹¹ COOPER-RICHET, Diana. La diffusion du modèle victorien à travers le monde. Le rôle de la presse en anglais publiée en France au XIX^e siècle. In : THÉRENTY, Marie-Ève ; VAILLANT, Alain (Orgs). *Presse, nations et mondialisation au XIX^e siècle*. Paris : Nouveau Monde Éditions, 2010. p. 130. Tradução nossa.

¹² ANDERSON, Benedict. *L’imaginaire national: réflexions sur l’origine et l’essor du nationalisme*. Traduction de l’anglais Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris : La Découverte, 2002 (La Découverte Poche ; 123. Sciences humaines et sociales).

¹³ CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des Lettres*. Paris : Éditions du Seuil, 2008.

¹⁴ THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Orgs). *Presse, nations et mondialisation au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010.

determinado, ele reflete na forma como sua obra será moldada por esse suporte. Dessa maneira, publicar em uma *petite revue* definia condições, relações e gêneros a serem divulgadas, fazendo necessário o seu conhecimento material para a composição de uma análise sólida, profícua à composição de uma história literária:

Uma reflexão poética sobre a materialidade dos suportes – à luz dos conhecimentos da história cultural – e sobre os imaginários os quais eles inferem, permitirá, sem dúvida, chegar a uma história nuançada das transformações da literatura, sob o impacto dos progressos e da comunicação: trata-se, ao mesmo tempo, de esclarecer, em um ângulo diferente, a literatura do século XIX e, também, talvez melhor compreender a literatura de amanhã.¹⁵

Esses exemplares encontram-se disponíveis na base de dados Gallica, mantida pela Biblioteca Nacional Francesa, o que facilitou o nosso processo de pesquisa, visto termos a possibilidade de acessá-la a todo momento, de qualquer parte. Por meio da consulta à Hemeroteca Digital, base de dados mantida pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pudemos consultar jornais brasileiros que nos revelaram indícios dos processos de transferências culturais.

Além dessas plataformas virtuais, entre as quais incluímos, ainda, a Médias 19,¹⁶ foi fundamental o acesso a livros e dicionários que compõem os acervos de algumas bibliotecas francesas. Na Biblioteca da Universidade de Montpellier, na Biblioteca Diderot de Lyon, no setor de pesquisa da Salle Sabatier d'Espeyran, da Médiathèque Émile Zola, de Montpellier, encontramos vasta bibliografia pertinente e obras de referência, muitas delas contemporâneas ao *Mercure de France*. Na Biblioteca do Arsenal, em Paris, consultamos coleções da década de 1890 que pertenceram aos escritores do período. Não podemos deixar de mencionar o nosso contato com os fundos do *Mercure de France* mantidos pelo IMEC (Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine), dos quais constam correspondências e documentos oficiais da revista, e que nos permitiram compreender as relações que se estabeleceram para além daquilo que foi divulgado na revista e compôs a sua *rede*. No Brasil, os acervos de bibliotecas do Rio de Janeiro, – Biblioteca Nacional, Biblioteca Lúcio de Mendonça, Biblioteca Rodolfo Garcia, Biblioteca da Casa de Rui Barbosa e Gabinete Real Português de Leitura, – revelaram-se verdadeiros redutos de obras que datam do século XIX, bem como de estudos de seus

¹⁵ THÉRENTY, Marie-Ève. Pour une poétique historique du support. In: *Romantisme* 1/2009 (n° 143), p. 109-115. URL: www.cairn.info/revue-romantisme-2009-1-page-109.htm. DOI:10.3917/rom.143.0109. p 114. Tradução nossa. Acesso em: 13/10/2016.

¹⁶ Lançada em 2011, a plataforma se dedica ao estudo da cultura midiática no século XIX. O site oferece a reedição comentada de textos da época, artigos, publicações científicas e ensaios, além de um dicionário dos jornalistas francófonos do período. Acesso: www.medias19.org.

contemporâneos, além de terem nos oferecidos dados para os estudos das transferências culturais, quando analisamos a presença de livros da editora do *Mercure de France* e de seus colaboradores nas coleções de escritores brasileiros.

Realizamos a indexação de textos de crítica da coleção do *Mercure de France* do período de 1890 a 1898. Temos em mente que a indexação “não tem sentido em si mesma e constitui-se no passo inicial, indispensável para apreender permanências e mudanças”.¹⁷ Assim, concomitante à leitura do *Mercure de France*, essa atividade serviu-nos, em um primeiro momento, para sistematizar os dados e referências obtidos. Ao longo do processo de escrita desta tese, a indexação mostrou-se essencial, pois, a todo momento, recorremos a ela para localizarmos e reavaliarmos os textos já lidos e que foram citados e analisados. Ao final, disponibilizamos-la com o intento de apresentar aos pesquisadores brasileiros a contribuição dada pelo periódico à divulgação e sustentação da estética simbolista, entre outros preceitos, e de oferecer subsídios para os estudos de história da literatura francesa. Nela, tem-se a referência completa de cada texto, acompanhada de um resumo de seu conteúdo, possibilitando que os leitores e as leitoras destas linhas possam encontrar informações sobre esses escritos, viabilizando a sua compreensão, visto estarem eles disponíveis apenas em língua francesa.

No Brasil, não há estudos que disponibilizem traduções desses escritos. Por isso, preparamos uma antologia contendo 10 textos traduzidos, os quais julgamos significativos. Chegamos a tal soma ao avaliarmos o tempo que possuíamos para realizar o trabalho de tradução. Organizados cronologicamente, foram selecionados por nos trazerem o entendimento das considerações acerca do Naturalismo, do Simbolismo e das escolas nascentes, e suas conseqüentes disputas; dos precursores e mestres da estética simbolista; e das proposições de renovação da literatura. Por meio dela, observamos as mudanças de pensamento face às transformações do campo literário. Esses textos foram escolhidos, também, por conta da representatividade dos colaboradores que o assinaram, no que tange à sua atuação no próprio *Mercure* e entre os agrupamentos da época, como Stéphane Mallarmé e Paul Valéry, e dos autores e premissas apresentados, tal qual André Gide, que teve sua obra qualificada por Henri Ghéon. Vale ressaltar que a antologia dialoga constantemente com aquilo que apresentamos ao longo da tese: a partir dela, apresentamos “materialmente” os conceitos, as querelas e os interesses daqueles que assinaram os escritos que a compõem, sobre os quais discorreremos nestas linhas.

¹⁷ DE LUCA, Tania Regina de. *A Ilustração (1884-1892): algumas questões teórico-metodológicas*. In: ABREU, Márcia. DEAECTO, Marisa Midori (Orgs). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014. p. 169.

A tarefa de tradução dos textos não ocorreu sem levarmos em conta as perspectivas que orientam essa prática, e que nos guiaram na medida em que encontramos dificuldades para executá-la. Empenhamo-nos em trazer ao presente vocábulos e construções de uma língua estrangeira, redigidos em uma época distante, por críticos que, além dessa função, eram poetas, dramaturgos e romancistas – isto é, aqueles que empregavam a língua francesa com ilustração. Para Walter Benjamin, em “La tâche du traducteur”, a tradução é uma “forma” regida por um texto original, cuja significação está a ele atrelada. Sua finalidade é a de expressar a relação existente entre duas línguas, sem, no entanto, ater-se às semelhanças as quais Benjamin considera “superficiais”: a tradução está “longe de ser a estéril equação de duas línguas mortas”, e visa, por fim, a um estado último da construção verbal. A tarefa do tradutor, para tanto, não é vista como a mesma do escritor. A tradução é capaz de restituir o sentido de um texto, sem eclipsá-lo e, ao mesmo tempo, sem manter-se plenamente fiel à sua matriz, pois,

[...] da mesma forma que os pedaços de um vaso, para que se possa reconstituir o todo, devem harmonizar nos menores detalhes, mas não serem semelhantes uns aos outros; assim, ao invés de assimilar-se no sentido original, a tradução deve, amorosamente e até no detalhe, adotar em sua própria língua a intenção de seu original, para tornar um e outro reconhecíveis como fragmentos de um mesmo vaso, como fragmentos de uma mesma linguagem maior.¹⁸

A tradução não é “sujeito e objeto de um saber próprio” e não se configura como “discurso pleno e autônomo”. Acaba por ser uma espécie de “passagem interlíngua de textos”, além de uma “série de outras passagens que concernem ao ato de escrever e, ainda mais secretamente, ao ato de viver e de morrer”. Por meio dela, dá-se um sentido a um escrito, ainda que esse ato se configure como uma “traição”; entretanto, essa traição, ou mesmo “destruição”, se justifica pela necessidade de popularização de uma determinada ideia, “abrindo-a”, como um “albergue distante”, ao estrangeiro, acesso que buscamos proporcionar aos leitores e leitoras:

Disseram que a tradução é a “comunicação de uma comunicação”. Mas, ela é mais. Ela é, no domínio das obras (o que nos concerne aqui), a *manifestação de uma manifestação*. Por quê? Porque a única definição possível de uma obra só pode ser dada em termos de manifestação. Em uma obra, é o mundo que, a cada vez, de uma forma diferente, é manifestado em sua totalidade. Toda comunicação trata de algo parcial, setorial. A manifestação, que é a obra, trata sempre de uma totalidade. Além disso, ela é manifestação de um *original*, de um texto que não é somente primeiro em relação aos seus derivados translinguísticos, mas primeiro em seu próprio espaço de língua.¹⁹

¹⁸ BENJAMIN, Walter. La tâche du traducteur. In: *Œuvres I*. Traduction de l’allemand par Maurice de Gandelloc, revue par Rainer Rochlitz. Paris: Gallimard, 2000. p. 257. Tradução nossa.

¹⁹ BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l’auberge du lointain*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. p. 76. Tradução nossa.

Dadas essas considerações, esta tese divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos a história do *Mercure de France*, do nascimento desse título, no século XVII, à criação de sua *série moderne*, em 1890. Discorremos sobre seus colaboradores e sobre a trajetória de Alfred Vallette como diretor da revista. Atentamo-nos à evolução estrutural desse periódico na década de 1890 e, também, ao surgimento das *petites revues* e o modo como a contestação das estruturas do campo literário aparece no *Mercure*. Ademais, centramo-nos nas atividades da editora do *Mercure de France* e seu papel na divulgação da literatura *nova*. Por fim, analisamos a presença brasileira e portuguesa no *Mercure*, bem como a circulação de seus exemplares e de obras de seus colaboradores no Brasil, divulgando resultados obtidos na pesquisa em acervos de bibliotecas cariocas.

No segundo capítulo, expomos as particularidades do Simbolismo na França, sua recepção e seu momento de “crise”, já no fim do século XIX. Abordamos a presença do movimento no *Mercure de France*, além de analisarmos as marcas de sociabilidades existentes entre essa revista e as demais *petites revues* da época, como *La Plume* e *L’Ermitage*, e, conseqüentemente, entre seus respectivos colaboradores. A partir da leitura das rubricas “Les Livres”, “Les Poèmes” e “Les Romans”, que continham resenhas de livros, foi possível averiguar a íntima relação entre a crítica literária e a *rede* existente entre diversos autores e folhas do período.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos o percurso e o desenvolvimento da atividade de crítica literária na França e sua irradiação no *Mercure de France*. A crítica produzida por membros das *petites revues* possuía suas particularidades, igualmente apontadas, além de seus adeptos mais assíduos, cuja biografia e atividades são destacadas. De modo geral, a crítica do *Mercure* centrava-se nos seguintes temas: renovação da forma e de conteúdo na literatura; identificação dos “mestres” do Simbolismo e da literatura *nova*; os *portraits* e *enquêtes*, que traziam à luz não apenas a produção de um determinado autor, mas, também, sua representação midiática; e o posicionamento diante do Naturalismo – notadamente aquele de Émile Zola – e demais movimentos estéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno das *petites revues* constituiu caso particular da história da literatura francesa. Tais publicações não apenas divulgaram a produção literária e artística de um período, mas, também, refletiram aspectos de uma ruptura estética, apregoada pelo Simbolismo, e da contestação das instituições que regiam a atividade escrita, como a Academia Francesa, atuando como precursoras do pensamento e das artes dos anos subsequentes. Foram, igualmente, reflexo do campo editorial das décadas de 1880 e 1890, ilustrando, como discute Pierre Bourdieu, as relações de força que existiram entre as instituições literárias e testemunhando seus modos de socialização: na época, os escritores viviam de proteções e gratificações de suas atividades ligadas ao exercício do poder. Manifestos eram disseminados e serviam de ferramenta para a construção de uma *mise en scène*.

O *Mercur de France* foi, entre 1890 e 1898, uma *petite revue* simbolista. Apesar da grandiosidade à qual alude o seu título e da sua consolidação ao longo dos anos, mostrou-se, em seus primeiros momentos, uma publicação de poucas páginas, além de folha característica de jovens escritores e artistas que não encontravam espaço na grande imprensa, na época maior divulgadora da literatura e meio de sobrevivência de muitos autores. O mesmo se deu em relação à proposta de sua editora, que intencionou publicar obras comumente recusadas pelos grandes livreiros do século XIX. Sobretudo, ao longo dessa década, manteve-se fiel à preconização do *novo* e da ruptura com o *status quo* acima mencionado. Foi simbolista porque esse movimento foi aquele que inspirou uma geração a trilhar novos rumos no campo literário francês. E, para a compreensão desse processo, a análise do suporte se fez fundamental: a partir dele, não apenas entrevimos o Simbolismo enquanto doutrina estética, mas, também, como agitação que encontrou em uma imprensa especializada seu meio de sustentação.

Contrapondo-se ao crescente sentimento de nacionalismo que vigorou em seu tempo, o *Mercur de France* mostrou-se cosmopolita ao divulgar e exaltar textos estrangeiros, além de circular em outros países, o que, como vimos nesta tese, foi próprio do Simbolismo. Livros assinados por colaboradores do *Mercur de France* e de sua editora preencheram as prateleiras de bibliotecas brasileiras, cumprindo seu percurso nos navios que faziam o trajeto da França rumo ao Rio de Janeiro. Concluímos que algumas figuras, a exemplo de Xavier de Carvalho, também foram importantes para esse trânsito. Todavia, apesar dessa presença, chegamos à resposta de que, diferentemente do francês, o Simbolismo brasileiro não chegou a estabelecer as mesmas contestações, ainda que literatos brasileiros tivessem contato com aquilo que se discutia nas origens desse movimento.

A revista ofereceu aos seus leitores contos, poemas, ensaios e, também, escritos que questionaram a organização do campo literário. Isto nos indica que, apesar de priorizar a literatura e as artes – e, também, ao denominar-se publicação que privilegiava a difusão dessas manifestações – o *Mercure* não deixou de lado as questões a ele contemporâneas, a exemplo da relação entre França e Alemanha e o *affaire* Dreyfus, destoando da concepção imaculada da “torre de marfim” atribuída aos simbolistas. Certamente, constatamos que o valor das artes e da literatura foram primordiais ao grupo do *Mercure de France*; entretanto, seus colaboradores viviam às voltas com aquilo que permeava o campo no qual se inseriam, o que foi assistido pela revista. Ao ceder espaço a assuntos variados, já no fim da década de 1890, solidificou sua verve enciclopédica: a partir de 1896, seus colaboradores discorreram, também, sobre Filosofia, Ciências Sociais e até mesmo sobre Esoterismo e Espiritismo.

Assim, como já se mencionou, manteve-se uma *petite revue* na medida em que conservou sua raiz ideológica e suas proposições artísticas; na segunda metade da década de 1890, demonstrou, graças a tal variedade de temas, sua intenção de tornar-se uma publicação ampla, com possibilidade de releitura, dado o formato em que foi publicado (in-8), o que indica, ainda, o seu desejo de inserção na posteridade. Ao longo dos capítulos, insistimos na hipótese de que a literatura da época se caracterizou por matizes de evolução; assim, o anseio de permanência por parte da revista se justifica, se consideramos que o Simbolismo constituiu, naquele momento, um pilar para os movimentos subsequentes, que aparecem, inclusive, no próprio periódico.

Observamos, igualmente, que a presença da crítica literária, objeto principal de nossa tese, não ocorreu de forma secundária no *Mercure de France*, dada a quantidade de textos divulgados e de rubricas dedicadas a esse intento. Suas características formais e os critérios de avaliação de livros e ideias aliavam-se às propostas que eram comuns às *petites revues* e, conseqüentemente, ao Simbolismo. Por meio dela, pudemos apreender as mudanças de perspectiva no que concerne à forma, tanto da prosa quanto da poesia. Reconhecemos nomes significativos desses grupos e os preceitos que regiam as suas concepções. Constatamos que os temas mais frequentes nesses textos críticos constituíram, de fato, aquilo que se preconizava no *Mercure*, sobretudo no que se refere à incessante defesa do *novo* e da originalidade e à batalha contra o Naturalismo de Émile Zola. Neste sentido, observamos que a necessidade de superação de um passado literário trouxe à luz certo revanchismo daqueles que prezavam o *novo* face aos naturalistas, como reiteramos ao longo dos capítulos. Dessa forma, apresentamos uma crítica que se afirmou como simbolista e condicionada por seu suporte.

Cumpriu-se, assim, entre os anos de 1890 e 1898, o desejo de Alfred Vallette, que, na apresentação do *Mercure*, indicou que sua revista beneficiaria as produções que trouxessem aos seus leitores algo distinto daquilo que julgava comum. A rejeição ao movimento naturalista revelou-se resultado de sua própria crise e, igualmente, consequência daquilo que os *jeunes* consideravam a subordinação de Zola à Academia e à *grande presse*. De certo modo, Émile Zola, nessa época, apareceu no *Mercure* como escritor que encarnou aquilo que era, comumente, recusado pelos *novos*, sobretudo no que se refere à sua produção da literatura, ajustada, segundo os seus adversários, ao gosto da burguesia. Como apontamos no terceiro capítulo, o próprio Vallette declarou que sua revista aceitava diferentes estéticas, mas que seus colaboradores tinham em comum a ojeriza à escola naturalista.

Devemos considerar que Zola, ao longo de sua carreira, esteve presente em todas as cenas e batalhas midiáticas, cujo auge ocorreu no *Affaire Dreyfus* – quando, paradoxalmente, passou a ser visto com menos hostilidade por parte dos membros do *Mercure*. A atividade da imprensa, na época em simbiose com a literatura, constituiu-se como local de criação do Naturalismo, haja vista o movimento ter sido a expressão que mais se aproximou de uma representação da realidade. Essa atividade jornalística de Zola, de quem todas as páginas de criação, da propaganda à crônica e folhetim, foram publicadas pela imprensa, bem como a de outros homens de Letras do período, também foi apontada como um malefício ao fazer literário, ainda que, por questões de subsistência, alguns colaboradores do próprio *Mercure de France* tenham se dividido entre a literatura e a atuação em jornais e grandes revistas. Tal colaboração foi a responsável pelo processo de midiatização do trabalho do escritor, o que ganhou vez entre os simbolistas, que elegeram suas figuras de representação, tornando públicas suas vidas, suas obras e suas faces. Do mesmo modo, suas opiniões eram destacadas, em especial por meio das *enquêtes* que constam do periódico estudado.

O *Mercure de France* manteve, ao logo dos anos de sua *série moderne*, o tom de manifesto da primeira hora simbolista. Todavia, sua redação apresentou-se cada vez mais heterogênea com o passar dos anos. Nela conviviam os cultores do Símbolo, os naturistas e os entusiastas da Escola Romana, entre outros, o que nos deixa claro, também, que a revista vivenciou diferentes momentos do Simbolismo, em uma clara perspectiva de evolução e de necessidade de deixar um legado à posteridade literária e artística. Era frequente a publicação de sátiras que atacavam indivíduos e movimentos tidos como “ultrapassados” e evidenciavam o conflito existente entre as gerações literárias, desde a “Chronique” assinada por Laurent Tailhade em 1890, que desnudou tudo aquilo que era abominado por seus pares e sintetizou as disputas de seu tempo, a outros textos que, ao longo da década, constantemente tomaram o

partido da renovação. Os “mestres” da escola simbolista permaneceram os mesmos: Stéphane Mallarmé foi a personalidade mais venerada no *Mercure de France*. Com menor frequência aparecem os nomes de Verlaine, Huysmans, Laforgue, Villiers de L’Isle-Adam e Lautréamont, o que não exclui, entretanto, a importância que tiveram entre os simbolistas. Até mesmo Vallette manteve-se reconhecido como mentor da revista que dirigiu, impondo-se por meio de seus textos e de sua assinatura, que aparecia em reprodução fac-similar ao final de cada número. Os jovens, em contrapartida, se multiplicavam, e reconhecê-los foi relevante para a pesquisa que deu origem a esta tese. A identificação de seus respectivos nomes nos tornou possível saber quem eram, de fato, aqueles que compunham os agrupamentos simbolistas, aquilo que apregoavam e, por conseguinte, o que constituía a estética, tornando suas identidades e suas obras acessíveis aos estudiosos da literatura francesa no Brasil.

Ademais, a crítica literária do *Mercure* nos revelou as sociabilidades que permearam os agrupamentos das *petites revues*. A tarefa da crítica era, de fato, aquela de julgar livros e propostas de literatura. No entanto, constatamos que as relações entre redatores, colaboradores e editores eram condicionadas por aproximações e por dissidências. Integrar as páginas do *Mercure de France* era indício de um posicionamento determinado no campo literário, e mesmo do poder simbólico de um literato, que podia, assim, demonstrar a sua filiação ao *novo* ou o seu distanciamento das publicações que se afirmavam distintas daquelas de ampla circulação. Consideramos, ainda, que, por conta de seu elitismo, as *petites revues* também elegiam seus leitores, tornando a questão das sociabilidades ainda mais evidente. Tratava-se de periódicos produzidos por redatores e colaboradores eleitos por um grupo e destinados a um público específico. As cartas recebidas por Alfred Vallette desvendaram-nos uma pequena amostra desses vínculos, confirmando a nossa hipótese de que aquilo que se publicava no *Mercure* também dependia de uma *rede* de cooperação. A menção aos banquetes, jantares e homenagens presentes no periódico forneceram-nos os cenários e condições desses encontros.

Seguramente, podemos afirmar que o Simbolismo se manteve na década de 1890 e que o *Mercure de France* foi um órgão de sustentação desse movimento, sem deixar, entretanto, de identificar e apoiar diferentes incursões que propunham o *novo* na poesia, no romance e em outras artes. Realizamos, por fim, o nosso intento de clarificar o conhecimento das bases conceituais do Simbolismo na França, viabilizando a pesquisadores o acesso a textos relevantes para o seu estudo, inclusive mediante a indexação e a tradução de textos selecionados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Periódico

Mercur de France (Paris. 1890). 1890-1965.

A Pena. Desterro-SC, 1893, p. 1, 1 col. Autor.

ABREU, Márcia. DEAECTO, Marisa Midori (Orgs). *A circulação transatlântica dos impressos: conexões*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, 2014.

ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

AMARAL, G. C. Tristão da Cunha no *Mercur de France*. In: *IV Congresso da Abralic*, 1994, São Paulo. Anais do IV Congresso da Abralic. São Paulo, 1994. v. 1. p. 361-365.

ANDERSON, Benedict. *L'imaginaire national: réflexions sur l'origine et l'essor du nationalisme*. Traduction de l'anglais Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: La Découverte, 2002 (La Découverte Poche ; 123. Sciences humaines et sociales).

ANDRIES, Lise. A imprensa como modelo de construção nacional: algumas hipóteses metodológicas. In: GUIMARÃES, Valéria (Org.) *Transferências culturais: o exemplo da imprensa no Brasil e na França*. Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo: Edusp, 2012.

ANÔNIMO. About some French "Literary" reviews. *SubStance*, vol. 1, p. 68-70, mar. 1971. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3684559>. Acesso em: 25/10/2012.

ARESSY, Lucien. *Verlaine et la dernière bohème*. Paris: Jouve, 1947.

AUBERY, Pierre. L'anarchisme des littérateurs au temps du symbolisme. *Le mouvement social*, nº 69, 1969.

B., F. O que é ser novo. *Folha Popular*. Rio de Janeiro, out. 1890, p. 2, 1 col.

BALAKIAN, Anna. *O Simbolismo*. Editora Perspectiva, 1985.

BANVILLE, Théodore de. Au lecteur. *La Pléiade*, Paris, p. 1-2, 1886.

BARJON, Louis. *Paul Claudel*. Préface de Paul Claudel de l'Académie Française. Paris: Éditions Universitaires, 1958. Classiques du XX^e siècle.

BARRE, André. Le symbolisme. Essai historique sur le mouvement symboliste en France de 1885 à 1900. New York: Burt Franklin, s/d.

BARRÉS, Maurice. Jean Moréas. *Le Figaro*. Paris, 25 déc. 1890, p. 1, 1-3 col.

BEAUMARCHAIS, Jean-Pierre de; COUTY, Daniel; REY, Alain. *Dictionnaire des littératures de langue française*. Paris: Bordas, 1994. 4 v.

BENJAMIN, Walter. La tâche du traducteur. In: _____. *Œuvres I*. Traduction de l'allemand par Maurice de Gandelloc, revue par Rainer Rochlitz. Paris: Gallimard, 2000. p. 244-262.

_____. *Textos de Walter Benjamin*. Seleção, organização e tradução: Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

BONNETAIN, P; DESCAGES, L; GUICHES, G; MARGUERITTE; P. ROSNY; J.;H. La Terre. *Le Figaro*, Paris, 18 août 1887, p. 1, 2 col.

BOSCHETTI, Anna. *Ismes*. Du réalisme au postmodernisme. Paris: CNRS Éditions, 2014.

_____. Légitimité littéraire et stratégie éditoriale. In: MARTIN, Jean-Henri. CHARTIER, Roger. VIVET, Jean-Pierre. *Histoire de l'édition française*. Le livre concurrencé (1900-1950). Paris: Promodis, 1986. Tome IV.

BOURDIEU, Pierre. Le champ littéraire. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, septembre 1991. Le champ littéraire.

_____. *Les règles de l'art*. Genèse et structure du champ littéraire. Nouvelle édition revue et corrigée. Paris : Édition du Seuil, 1998.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa, Edições 70, 2011.

BRADIMBOURG, Georges. L'avenir littéraire. *Le Courrier Français*. Paris, 2 oct. 1982, p. 10-11.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

BRUNETIÈRE, Ferdinand (1849-1906). *Nouvelles questions de critique*. Paris, 1890.

BÜRGER, Peter. *Teoria da Vanguarda*. Tradução José Pedro Antunes. São Paulo: Cosac Naif, 2012.

BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís XIV*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *Uma história social do conhecimento – II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Tradução: Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAILLARD, Maurice. FOROT, Charles. *Les Revues d'Avant Garde (1870-1914)*. Paris: Ent'revues, 1924.

CAMARGOS, Márcia. *Entre a vanguarda e a tradição: os artistas brasileiros na Europa (1912-1930)*. São Paulo: Alameda, 2012.

_____. *Villa Kyrial – Crônica da Belle Époque paulistana*. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

CARELLI, Mauro. *Culturas cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Tradução de Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papirus, 1994.

CARVALHO, Xavier de. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 2 mar. 1898, p. 2, 1 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1893, p. 2, 2 col.

_____. Carta Parisiense. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 29 nov. 1898, p. 2, 2 col.

CASANOVA, Pascale. *La République mondiale des Lettres*. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 1999.

CHARLE, Christophe. Le champ de la production littéraire. in CHARTIER, Roger; MARTIN, Henri-Jean (Org.). *Histoire de l'édition française*. Le temps des éditeurs. Du romantisme à la Belle Époque. Fayard/ Cercle de la Librairie, 1990. Tome III.

_____. *Histoire sociale de la France au XIX^e siècle*. Éditions du Seuil, 1991.

_____. *La crise littéraire à l'époque du naturalisme* (Roman – Théâtre – Politique). Essai d'histoire sociale des groupes et des genres littéraires. Paris: Presses de l'École Normale Supérieure, 1979.

_____. *Naissance des "intellectuels" (1880-1900)*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1990.

_____. *Le siècle de la presse (1830-1939)*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

CHARTIER, Roger. MARTIN, Henri-Jean. *Histoire de l'édition française*, Fayard – Cercle de la Librairie, 1989. Tomes III et IV.

CHEVREL, Yves. *La littérature comparée*. Paris: Presse Universitaire de France, 2009. 6^e édition.

COOPER-RICHET, Diana. La diffusion du modèle victorien à travers le monde. Le rôle de la presse en anglais publiée en France au XIX^e siècle. In: THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Orgs). *Presse, nations et mondialisation au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010.

CRIPPA, Giulia. SOUZA, Willian Eduardo Righini de. A materialidade do livro de bolso e a expansão do público leitor entre os séculos XV e XIX. *Intexto*. Porto Alegre, UFRGS, n.27, p. 84-101, dez. 2012.

DAUPHINÉ, Claude. Rachilde ou de l'acrobatie critique. In: *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n°3, octobre 1991. p. 275-88.

_____. *Rachilde*. Éditions Fanlac, 1985.

DÉCAUDIN, Michel. *La crise des valeurs symbolistes, vingt ans de poésie française (1895-1914)*. Toulouse: Privat, 1960.

DELPORTE, Christian. *Les journalistes en France (1880-1950): Naissance et construction d'une profession*. Paris: Éditions du Seuil, 1999.

DINAR, André. *La croisade symboliste*. Paris: Mercure de France, 1943.

DOMINGOS, Norma. *A tradução poética: Contes cruels de Villiers de L'Isle-Adam*. Tese de Doutorado. UNESP, Araraquara, 2009.

EDWARDS, Paul. Roman 1900 et photographie (les éditions Nilsson/ Per Lamm et Offertstadt Frères). In: *Romantisme*, 1999, n°105. L'imaginaire photographique. pp. 133-144; DOI: 10.3406/roman.1999.4356. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/roman_0048-8593_1999_num_29_105_4356. Acesso: 16/08/2016.

EL FAR, Alessandra. Os romances que o povo gosta: o universo das narrativas populares de finais do século XIX. *Floema* — Ano VII, n. 9, p. 11-31, jul./dez. 2011.

FARIA, Maria Isabel. PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FAYOLLE, Roger. *La critique*. Paris: Armand Colin, 1978.

FERENCZI, Thomas. *L'invention du journalisme en France*, Plon, 1993.

FERLIN, Patricia. *Femmes d'encrier*. Bartillat, 1995.

FEYEL, Gilles. Les transformations technologiques de la presse au XIX^e siècle. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011. p. 97-140.

FINCH, Alison. *Women's writing in the nineteenth-century France*. Cambridge Studies in French, 2000.

FRANCE, Anatole. La vie à Paris. *Le Temps*. Paris, 16 sept. 1886, p. 2-3.

FRANK, Joseph. Paul Valéry: Masters and Friends. *The Sewanee Review*. Vol. 75, No. 3 (Summer, 1967). Published by: Johns Hopkins University Press. Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/27541529>. Acesso em: 10/01/2016.

GAMBIONI, Dario. Le "symbolisme en peinture" et la littérature. In: *Revue de l'Art*, 1992, n°96. pp. 13-23. DOI: 10.3406/rvart.1992.347981 http://www.persee.fr/doc/rvart_0035-1326_1992_num_96_1_347981. Acesso em: 18/05/2016.

GAUTIER, Théophile. *Mademoiselle de Maupin*. Paris, s.l.p., s. n.

GHIL, René. *Traité du verbe*. Paris: Giraud, 1886.

GILKIN, Iwan. Lamentable reculade!. *La Jeune Belgique*. Bruxelles, t. 14, juill.-oct., p. 371-372.

GLINOER, Anthony. LAISNEY, Vincent. *L'âge des cénacles: Confraternités littéraires et artistiques au XIX^e siècle*. Fayard, 2013.

GOOSSE, André. GREVISSE, Maurice. *Nouvelle grammaire française*. 3^e édition revue. Bruxelles: De Boeck, 1995.

GORCEIX, Paul. La théorie belge du Symbolisme: origines et actualité. *Revue d'Histoire littéraire de la France*, 93^e Année, No. 2 (Mar. - Apr., 1993), pp. 207-224. Published by: Presses Universitaires de France Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40530849> Accessed: 24-07-2015 12:11 UTC.

GOURMONT, Remy de. *Le livre des masques: portraits symbolistes, gloses et documents sur les écrivains d'hier et d'aujourd'hui*. 3 ed. Paris, Société du Mercure de France, 1896.

_____. Le Mercure de France. In : *Promenades littéraires, quatrième série*. Paris: Mercure de France, 1912. Disponible sur: [http:// www. Remydegourmont.org/rg/mercure/vallette.htm](http://www.Remydegourmont.org/rg/mercure/vallette.htm)

_____. *Les Petites Revues, essai de bibliographie*. Paris, Mercure de France, 1900.

_____. *Le problème du style*. Paris: Mercure de France, s/d.

_____. Le symbolisme. *La Plume*. Paris, juin 1892.

GRUZINSKI, Serge. *As quatro partes do mundo: História de uma mundialização*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

GUIMARÃES, Valéria (Org.). *Transferências culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil*. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUSP, 2012.

HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. Trad. Magda Lopes. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

HAWTHORNE, Melanie C. *Rachilde and French Women's Authorship. From Decadence to Modernism*. University of Nebraska Press, 2001.

HOBBSAWN, Eric J. *A era dos impérios (1875-1914)*. Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rev. Técn. Maria Celia Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HURET, Jules. *Enquête sur l'évolution littéraire*. Notes et Préface de Daniel Grojnowski. Paris: Les Éditions Thot, 1982.

ILLOUZ, Jean Nicolas. Les Manifestes symbolistes. In: *Littérature*, N°139, 2005. Marges. pp. 93-113.doi : 10.3406/litt.2005.1905 [http:// www. persee.fr/ web/revues/ home/prescript/ article/litt_0047-4800_2005_num_139_3_1905](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/litt_0047-4800_2005_num_139_3_1905).

ISSACHAROFF, Michael. J.-K. *Huysmans devant la critique en France (1874-1960)*. Paris: Éditions Klincksieck, 1970.

JACQUOD, Valérie Michelet. *Le Roman symboliste : un art de l "extrême conscience"*: Edouard Dujardin, André Gide, Remy de Gourmont, Marcel Schwob. Genève: Droz, 2008.

JEANNENEY, Jean-Noël. *Uma história da comunicação social*. Trad. Catarina Gândara e Ana Isabel Silva Lisboa. Lisboa: Terramar, 1996.

KALANTZIS, Alexia. *Remy de Gourmont créateur de formes: dépassement du genre littéraire et modernisme à l'aube du XX^e siècle*. Paris: H. Champion, 2012.

KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011.

LA RÉDACTION. Aux lecteurs! *Le Décadent littéraire et artistique*. Paris, 10 avr. 1886, p. 1.

LAVAUD, Martine. Envisager l'histoire littéraire: Pour une épistémologie du portrait photographique d'écrivain. *CONTEXTES* [En ligne], 14 | 2014, mis en ligne le 17 juin 2014.. URL : <http://contextes.revues.org/5925> ; DOI : 10.4000/contextes.5925.

LE BLOND, Maurice. *Essai sur le Naturisme – Études sur la Littérature Artificielle et Stéphane Mallarmé, Maurice Barrès, La Littérature Allégorique, Quelques Poètes, et le Naturismo de Saint-Georges de Bouhélier*. Paris: Édition du Mercure de France, 1896.

LEROY, Géraldi. *Batailles d'écrivains. Littérature et politique, 1870-1914*. Armand Colin/VUEF, 2003.

LETHÈVE, Jacques. *Impressionnistes et symbolistes devant la presse*. Paris: Max Leclerc/Librairie Armand Colin, 1959.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LOUÉ, Thomas. La revue. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011. p. 333-358.

LYON-CAEN, Judith. L'exercice de la presse au XIX^e siècle. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde éditions, 2011. p. 375-382.

MACHADO, Irene A. A teoria do romance e análise estético-cultural de M. Bakhtin. *Revista USP*. Março, abril e maio 1990. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/05/19-irene.pdf>. Acesso em: 12/07/2016.

MACHADO, Ubiratan. *Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MALAZARTE, Pedro. Condecorado! *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20 mar. 1891, p. 1, 6 col.

MARCHAL, Bertrand. *Le symbolisme*. Paris: Armand Colin, 2011.

_____. *Lire le symbolisme*. Dunod, 1993.

MARTINO, Pierre. *Parnasse et Symbolisme (1850-1900)*. 9 ed. revue et corrigée. Paris: Librairie Armand Colin, 1954.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e Práticas em Tempos de República*, São Paulo, 1890-1922. São Paulo: EDUSP, 2001.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994-78. 4.v.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000. p. 140-162.

MELMOUX-MONTAUBIN, Marie-Françoise. *L'Écrivain-journaliste au XIXe siècle: un mutant des Lettres*. Saint-Étienne: Éditions des Cahiers intempestifs, Collection Lieux Littéraires, 2003.

MICHAUD, Guy. *La doctrine symboliste* (documents). Paris: Librairie Nizet, 1947.

MILOT, Hélène. Discours critique et posture manifestaire dans les petites revues littéraires de la fin du XIXe siècle. In: THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain (Dir.). *Presse et plumes: Journalisme et littérature au XIXe siècle*. Paris, Nouveau Monde Éd., coll. Histoire contemporaine, 2004.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12 ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1985. vol. 4 – O simbolismo.

MOLHO, Raphaël. *La critique littéraire em France au XIXe siècle – Les conceptions*. Paris: Buchet, Chastel, 1963.

MOLLIER, Jean-Yves. *L'argent et les lettres: Histoire du capitalisme d'édition (1886-1920)*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1988.

_____. LEYMARIE, Michel (org). *La Belle Époque des revues (1880-1914)*. Paris: Éditions de L'IMEC, 2002.

MORÉAS, Jean. Un manifeste littéraire – Le symbolisme. Supplément Littéraire. *Le Figaro*. Paris, 18 sept.1886, p. 1-2.

MORETTI, Franco. *O burguês: entre a história e a literatura*. Trad. Alexandre Morales. 1 ed. São Paulo.

MUHLFELD, Lucien. Chronique de la littérature. *La Revue Blanche*. Paris, oct. p. 71-80.

MURICY, Andrade. Panorama do movimento simbolista brasileiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987. 1. v.

NESTOR. Le Dilletantisme. *Échos de Paris*. Paris, 26 mars 1891, p. 1, 1-2 col.

PARINET, Élisabeth. *Une histoire de l'édition à l'époque contemporaine. XIXe-XXe siècle*. Éditions du Seuil, 2004.

PELLOIS, Anne. Petites revues d'à-côté: des affinités électives aux projections idéales. *Médias 19* [En ligne]. BARA, Olivier; THÉRENTY, Marie-Ève (dir.). *Presse et scène au*

XIX^e siècle, RELAIS MÉDIATIQUES DES PHÉNOMÈNES DRAMATIQUES, mis à jour le: 19/10/2012, URL: <http://www.medias19.org/index.php?id=2906>

PEREIRA, José Carlos Seabra. *Decadentismo e Simbolismo em Portugal*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos, 1975.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Falência da crítica*. Um caso limite: Lautréamont. São Paulo: Perspectiva, 1973.

PLEYNET, Marcelin. *Lautréamont par lui-même*. Paris: Éditions du Seuil, s/d.

PROUST, Marcel. Contre l'obscurité. *La Revue Blanche*. Paris, t. XI. p. 69-72.

QUEIROZ, Valéria Debórtoli de Carvalho. *Entre o passado e o presente: a prática profissional do Assistente Social no campo da saúde mental*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2009.

RACHILDE. *Portrait d'Hommes*. 9 ed. Paris: Mercure de France, 1930.

_____. Préface. In: ARESSY, Lucien. *Verlaine et la dernière bohème*. Paris: Jouve, 1947.

RAYNAUD, Ernest. *La mêlée symboliste: portraits et souvenirs (1870-1890)*. Paris: La Renaissance du Livre, s/d.

REVISTA Moderna. Paris, fev. 1899, p. 1, 2 col.

ROBERT, Vincent. Périodiser: paysages politiques, cohérences médiatiques. In: KALIFA, Dominique; RÉGNIER, Philippe; THÉRENTY, Marie-Ève; VAILLANT, Alain. *La civilisation du journal: Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Paris : Nouveau Monde éditions, 2011. p. 61-98.

SCHUH, Julien. Henri de Régnier dans les revues (1885-1911). Bertrand Vibert. *Colloque international "Henri de Régnier, tel qu'en lui-même"*. Feb 2013, Grenoble, France. Classiques Garnier, pp.63-77, Rencontres. Disponível em : <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00988512/document>. Acesso em: 15/06/2016.

SILVE, Édith. *Paul Léautaud et le Mercure de France: chronique publique et privée 1914-1941*. Paris: Mercure de France, 1985.

STIÉNON, Valérie. Penser la querelle par la sélection naturelle. *CONTEXTES* [En ligne], 10 | 2012, mis en ligne le 08 avril 2012, consulté le 19 janvier 2016. URL: [http:// contextes.revues.org/4999](http://contextes.revues.org/4999); DOI : 10.4000/contextes.4999

THÉRENTY, Marie-Ève ; VAILLANT, Alain (Dir.). *Presse et plumes: Journalisme et littérature au XIX^e siècle*. Paris, Nouveau Monde Éd., coll. Histoire contemporaine, 2004

_____. *1836, l'an 1 de l'ère médiatique: étude littéraire et historique du journal La Presse d'Émile de Girardin*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2001.

_____. *Presse, nations et mondialisation au XIX^e siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010.

THÉRENTY, Marie-Ève. Pour une poétique historique du support. In: *Romantisme* 1/2009 (n° 143), p. 109-115. URL: www.cairn.info/revue-romantisme-2009-1-page-109.htm. DOI:10.3917/rom.143.0109. p 109-115. Acesso em: 13/10/2016.

VANOR, Georges. *L'art symboliste*. Préface de Paul Adam. Paris: Bibliopole Vanier, 1889.

VERILHAC, Yoan. La fabrique médiatique de la postérité du symbolisme. *Médias 19* [En ligne], Problématiques et perspectives, Publications, L'Atelier médiatique de l'histoire littéraire, mis à jour le 15/02/2014. URL: <http://www.medias19.org.php?id=16001>. Acesso em: 25/06/2014.

_____. *La jeune critique des petites revues symbolistes*. Saint-Étienne: Publications de l'Université de Saint-Étienne, 2010.

WIFERT-PORTAL, Blaise. Les importateurs de littérature étrangère en France, 1885-1914. Portal Le Seuil, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2002/4, n° 144.